

Notas e Reflexões

***HARD, SOFT OU SMART POWER:* DISCUSSÃO CONCEPTUAL OU DEFINIÇÃO ESTRATÉGICA?**

Brígida Rocha Brito

Doutorada em Estudos Africanos pelo ISCTE –IUL.
Professora no Departamento de Relações Internacionais
da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL),
Subdirectora de JANUS.NET, e-journal of International Relations.
Investigadora do OBSERVARE (UAL) e do Centro de Estudos Africanos (ISCTE-IUL)

A reflexão apresentada sintetiza as discussões em torno das diferenças conceptuais, das vantagens e dos riscos associados às estratégias inerentes ao *Hard power* e ao *Soft power*, mas também ao conceito emergente de *Smart power*, proporcionada pela participação na Conferência “Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations” promovida pela Academy for Cultural Diplomacy na Universidade de Cambridge em Junho de 2010.

A discussão em torno dos conceitos *Hard power* e *Soft Power* (Parmar et Cox, 2010) não é recente e tem sido largamente aprofundada pela comunidade académica em Encontros temáticos da área científica das Relações Internacionais. São vários os autores, entre os quais o paradigmático Prof. Joseph Nye, Janice Bially Mattern e Judah Grunstein, que analisam detalhadamente estes conceitos tendo por base casos concretos, sendo os Estados Unidos da América uma referência comum.

Parece ser consensual que o *Hard power* consiste na capacidade, evidenciada por um país, de atingir objectivos delineados através do uso da força física ou da influência económica recorrendo, com frequência e de forma eventualmente eficaz mas não garantida, à força militar. Por oposição, o *Soft power* (Nye, 2007) prevê a acção mediante a persuasão, o que implica a adopção de princípios estratégicos que combinam elementos simbólicos ou culturais de referência com valores políticos ou ideológicos que reforçam lideranças.

De acordo com a literatura de referência, a principal diferença entre os dois conceitos parece fundamentar-se no apelo estratégico à intervenção responsável e



responsabilizadora característica do *Soft power*, por contraposição da simples imposição pela força do *Hard power*.

O *Soft power* abre novas perspectivas na negociação em função de novos horizontes: as relações internacionais tendem a melhorar a partir da conjugação de um conjunto de factores enunciados de forma interligada, pelo Embaixador Pekka Huhtaniemi¹, que os define como os "três Ds", no "Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations", Encontro organizado pela *Academy for Cultural Diplomacy*: a Diplomacia; a Defesa; e o Desenvolvimento. O *Soft power* permite precisamente conjugar os três Ds, por facilitar: a disseminação de valores sociais e culturais determinantes para a evolução a nível internacional; a criação de redes sociais facilitadoras da multiplicação de contactos humanos e o fomento da comunicação a nível mundial; o *empowerment* das mulheres, pela capacidade que lhes é reconhecida de promover informalmente a paz, a prosperidade e a segurança; a actuação das organizações da sociedade civil na mediação de conflitos e no fomento da paz.

Segundo Philip Dodd², o *Soft power* é definido como uma forma de estar tendencialmente livre, democrática e aberta que, naturalmente, tem implicações políticas e económicas, estando traduzida, de forma clara, no discurso de Barak Obama. Ao se falar em *Soft power* e *Hard power*, as ideias de construção e de manutenção da paz surgem de forma implícita, o que lhes atribui, mais do que uma simples conotação conceptual, um significado estratégico para a intervenção. Jack McConnell³ aborda o tema distinguindo os conceitos de *peacebuilding* e *peacekeeping*, reconhecendo o primeiro essencialmente como uma estratégia nacional, que pode ser influenciada por forças internacionais, enquanto que a segunda é identificada, do ponto de vista metodológico, com o envolvimento da sociedade civil na busca da estabilidade, sendo esta uma tarefa assumida por todos e não apenas imposta por uns. Neste contexto, o *Hard power* pode ser, em determinadas circunstâncias, um recurso incontornável na construção da paz⁴.

Segundo Hubertus Hoffmann⁵, a construção e a manutenção da paz seguem, códigos próprios que regulam as acções dos diferentes actores envolvidos nos processos. Estes códigos implicam:

- 1) a definição de uma relação de custo-eficiência, sobretudo em situações de tensão e de conflito;

¹ H.E. Ambassador Pekka Huhtaniemi, Embaixador da Finlândia em Inglaterra, conferencista com a comunicação "The finnish approach to hard and soft power" na Conferência "Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations", Academy for Cultural Diplomacy (org), Cambridge University, Junho de 2010.

² Prof. Philip Dodd, Professor convidado da the University of the Arts London, conferencista com a comunicação "A soft power constellation: China, US and India in the 21st century" na Conferência "Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations", Academy for Cultural Diplomacy (org), Cambridge University, Junho de 2010.

³ Jack McConnell, ex-Primeiro-Ministro da Escócia, conferencista com a comunicação "Peacekeeping or Peacebuilding: shifting the balance?" na Conferência "Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations", Academy for Cultural Diplomacy (org), Cambridge University, Junho de 2010.

⁴ Bill Paker, Professor no Kings College London, conferencista com a comunicação "The role of military force in the modern world" na Conferência "Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations", Academy for Cultural Diplomacy (org), Cambridge University, Junho de 2010.

⁵ Dr. Hubertus Hoffmann, Presidente do The World Security Network, conferencista com a comunicação "Codes of tolerance as soft factors of peace-making" na Conferência "Hard Vs. Soft Power: Foreign Policy Strategies in Contemporary International Relations", Academy for Cultural Diplomacy (org), Cambridge University, Junho de 2010.



- 2) o enfoque da actuação na localidade, definindo parcerias com actores locais e reforçando a autonomia;
- 3) a perspectivação de estratégias duplas, incluindo acções de *Hard power* e de *Soft power*, diversificando possibilidades numa abordagem que Hoffmann define de inteligente, próxima da concepção do que será o *Smart power*;
- 4) a capacidade de evitar o radicalismo das análises, reconhecendo os erros anteriormente cometidos, sendo esta uma forma de os evitar no futuro;
- 5) a abertura do diálogo e do debate de forma a encontrar mais soluções no terreno, sobretudo de âmbito civil, caracteristicamente alternativas e criativas no *modus operandi*;
- 6) a promoção do respeito pela pessoa humana, valorizando os seus direitos através da tolerância e do respeito.

É neste sentido que, na discussão conceptual, nomeadamente considerando as vantagens e os riscos dos conceitos anteriores (*Hard power* e *Soft power*) quando aplicados estrategicamente a casos concretos, emergiu um novo conceito, o *Smart power* que, não representando exactamente a soma dos dois anteriores, lhes reconhece potencialidades, conciliando as dimensões humana e do conhecimento. Este conceito é habitualmente identificado com a Administração Obama, por oposição às políticas seguidas pela anterior de Bush, claramente dominada pelos princípios do *Hard power*, procurando ainda aprofundar os valores do *Soft power*.

O *Smart power*, conceito criado em 2003 por Joseph Nye e adoptados mais tarde tanto por académicos como por políticos, requer a adopção de medidas estratégicas inteligentes que combinam de forma harmoniosa, e muita vezes subtil, alguns elementos do *Hard power* com formas de actuação características do *Soft power*, permitindo obter resultados mais eficazes e bem sucedidos (Nye, 2007). Este novo conceito valoriza a importância de agir com inteligência, doseando as formas de actuação em função das necessidades concretas: o contexto nacional e internacional; as características culturais, o sistema político vigente; as influências económicas. Mas, mais do que qualquer um dos modelos anteriores, este encerra uma dimensão estratégica por estar direccionado para acção, envolvendo todos, obrigando a definir parcerias em diferentes níveis da intervenção, na concepção do *Global partner*, e valorizando diferentes protagonismos. Seguindo alguns dos princípios do *Soft power*, com o *Smart power*, as grandes mobilizações militares que apelam ao uso da força são evitadas, procurando-se uma abordagem diplomática na resolução de conflitos, promovendo-se novas oportunidades e redefinindo-se estratégias integradas e sustentáveis porque geradoras de autonomia.

A nível internacional, o conceito *Smart power* parece ganhar simpatias, estando a captar a atenção de políticos, estrategas e académicos.

Referências Bibliográficas

Bially Mattern, Janice (2007). «Why soft power isn't so soft». In Berenskoetter et al (ed), *Power in World Politics*. London: Routledge



Nye, Joseph (2007). "Smart Power". In The Huffington Post [Em linha], [Consultado em 20 Julho 2010]. Disponível em http://www.huffingtonpost.com/joseph-nye/smart-power_b_74725.html

Parmar, Inderjeet et Cox, Michael (ed) (2010). *Soft power and US Foreign Policy. Theoretical, historical and contemporary perspectives*. London: Routledge

Como citar esta Nota

Brito, Brígida (2010). "*Hard, soft ou smart power: discussão conceptual ou definição estratégica?*". Notas e Reflexões, *JANUS.NET e-journal of International Relations*, N.º 1, Outono 2010. Consultado [online] em data da última consulta, observare.ual.pt/janus.net/pt_vol1_n1_not3